

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO-PUC/SP

FACULDADE DE PSICOLOGIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

“INTERLOCUÇÕES ENTRE O SKATE E A PSICOLOGIA A PARTIR DE UMA
ANÁLISE ÉTICA, ESTÉTICA E POLÍTICA.”

Gabriel Maschião da Costa

São Paulo

2010

Gabriel Maschião da Costa

INTERLOCUÇÕES ENTRE O SKATE E A PSICOLOGIA A PARTIR DE UMA
ANÁLISE ÉTICA ESTÉTICA E POLÍTICA

Trabalho de Conclusão de Curso,
sob orientação da Profa. Dra. Maria da Graça Marchina Gonçalves

São Paulo

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC/SP
2010

a todos os praticantes de skate...

**Título: INTERLOCUÇÕES ENTRE O SKATE E A PSICOLOGIA A
PARTIR DE UMA ANÁLISE ÉTICA, ESTÉTICA E POLÍTICA**

Palavras chave: skate; psicologia; biopoder

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar a relação do skate com a prática da psicologia. Foram utilizados autores que possibilitaram um olhar para as práticas do contemporâneo e que permitiram um estabelecimento de relação entre a prática do skate enquanto forma de resistência ética estética e política. Essa pesquisa foi estritamente teórica, baseada tanto em estudos mais específicos sobre o skate, quanto em estudos que discutem o contexto de saúde e a intervenção das práticas “psi” na atualidade. Acredito que este trabalho traz tanto para os praticantes quanto para os não-praticantes, um novo olhar sob esse esporte, permitindo uma compreensão mais profunda dos benefícios que esta prática produz na sociedade atual.

Sumário

Introdução.....	1
Sobre o Biopoder.....	6
Repercussões Corporais.....	14
Implicações políticas.....	20
Implicações estéticas.....	26
Implicações éticas.....	29
Considerações finais.....	33
Referências.....	35

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende compreender a prática do skate a partir de uma leitura da psicologia, com conceitos criados por meio de uma análise histórica das relações de poder e das modulações da subjetividade. A pretensão com esta discussão é criar um possível agenciamento entre skate e as práticas psicológicas, buscando compreender de que modo o skate poderia trazer reflexões a respeito do exercício da psicologia.

Uma das dimensões do trabalho do psicólogo na sociedade é justamente o seu caráter preventivo ou atuante na promoção de saúde, segundo o que prevê uma das cláusulas no Código de Ética:

“II. O psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”.¹

Entender o skate como ação que visa saúde, na polis, parece adequado, uma vez que, como será elucidado posteriormente, o skate carrega a representação de posicionamento político e estético na cidade. Será explicitada, mais adiante também, uma justificativa prática e teórica que levou à escolha do skate e não de outro esporte.

Gilles Deleuze (1990), na década de 90, aponta que passamos por um período de transição da sociedade disciplinar para a sociedade de controle. A sociedade disciplinar caracterizada por Michel Foucault (1977), no seu livro intitulado “Vigiar e punir” tem, dentre outras características, instituições que visam individualizar os sujeitos e manter sobre eles uma vigília constante.

Em função disso, existe nas instituições da disciplina todo um esforço na

¹ Código de Ética Profissional do Psicólogo, princípio II, 2005.

direção de uma economia dos gestos corporais. O corpo é pensado individualmente e em termos de produtividade. São realizados estudos no sentido de maximizar a produção com o menor gasto possível de energia. É na sociedade disciplinar que o conhecimento técnico-científico, que anteriormente era reservado apenas às máquinas, vai se integrar ao conhecimento biológico. O homem descobre uma possibilidade de intervenção inorgânica nos corpos.

Tal conhecimento será levado também para as práticas esportivas, onde o homem vai buscar superar os limites da natureza, conciliando o conhecimento científico ao biológico. O desempenho dos atletas visa atingir um estado máximo de velocidade ou produção com o menor gasto de energia num menor tempo possível. Trava-se uma verdadeira batalha do homem contra si mesmo e contra as forças da natureza. Os esportes que marcam essa época são justamente esportes que visam a superação de limites de velocidade e de performance, aliados ao conhecimento científico (o homem-máquina). Como por exemplo, o automobilismo e os 100 metros rasos.

Na sociedade de controle, diferentemente, não se trata mais de enfrentar uma batalha contra a natureza, mas de utilizá-la a seu favor na prática esportiva. Já não se opera mais uma busca por um resultado, necessariamente. O que vai ser levado em consideração é a capacidade de criação e a continuidade das ações. O foco não está mais estritamente no desempenho, mas uma dimensão estética é levada em conta.

“O homem da disciplina era um produtor descontínuo de energia, mas o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo. Por toda parte o surf já substitui os antigos esportes.” (Deleuze, 1990)

O skate é criado a partir do surf e pode ser um esporte de entrada, a partir do qual podemos analisar aspectos da subjetividade contemporânea, uma vez que sua origem e seus desdobramentos incidem em aspectos sociais e psicológicos passíveis de análise.

O skate surge no início dos anos 60 na Califórnia, a partir da vontade de surfar num período de seca e maré baixa, o que impossibilitava o esporte. Diante dessa impossibilidade, foram pensados métodos possíveis para se surfar no asfalto. Os surfistas utilizaram pranchas de madeira e colocaram sobre elas rodas de patins, o que inicialmente foi chamado de sidewalk surf. Nessa época a idéia era reproduzir no asfalto aquilo que era possível realizar nas ondas, logo o repertório de manobras se limitava muito a essa imitação.

Já na década de 70, o skate começa a apresentar novas características, ganhando mais popularidade, concomitantemente a um aperfeiçoamento das pranchas, trucks e rodinhas. Começam a ser pensadas manobras que são possíveis apenas no skate, dando à sua prática o estatuto de um esporte, ainda semelhante, mas já distinto do surf.

Nesse mesmo período, os EUA iniciaram uma política de racionamento de água, e muitos americanos tiveram de esvaziar suas piscinas. Tal condição viabilizou a prática do skate nas piscinas, o que posteriormente permitiu a criação da modalidade vertical.

Já no Brasil, a prática começou a ganhar espaço em meados dos anos 80 e, atualmente, o país é a segunda maior potência no skate mundial, ficando atrás apenas dos EUA.

Segundo pesquisa no Datafolha², são 3,8 milhões de skatistas no país, e um milhão destes se encontra no estado de São Paulo. Entretanto, não existe um incentivo grande a este esporte, não sendo nem sequer citado nas escolas e possuindo uma quantidade muito pequena de pistas públicas. Em função disso a maior parte dos skatistas são adeptos da modalidade street skate (skate de rua), influenciando significativamente o cenário no caso desta grande metrópole, São Paulo.

² Pesquisa divulgada em Dezembro de 2009 no site www.espn.com.br acessado em 22 de fevereiro de 2010

Decidiu-se analisar a prática do skate, neste trabalho, por meio de um enfoque que considere as implicações éticas, estéticas e políticas, pois tal paradigma permite um novo olhar sobre o skate, que pode ser visto, dessa forma, não apenas como uma modalidade esportiva, mas também como uma prática que inventa novos modos de vida e novas possibilidades de intervenção sobre o espaço urbano.

Entendemos que, a partir de um olhar ético, estético e político, seja possível construir pensamentos que possam promover uma série de reflexões e interlocuções entre o skate e a psicologia, mais especificamente sobre as práticas psicológicas, que também podem ser analisadas a partir desse referencial teórico.

Nessa direção, os dois primeiros capítulos fornecem subsídios básicos para a posterior apresentação das dimensões ética, estética e política.

Ao longo do trabalho serão realizadas reflexões a partir de perguntas que norteiam essa tríade:

Quais os limites éticos para a máquina skate-homem-cidade? Quais as possibilidades e avaliações necessárias para sua realização?

A prática do skate pode ser considerada uma manifestação artística? Invento algo?

Que tipo de subjetividade produz? Qual o efeito desta prática na cidade?

A temática será tratada a partir de uma visão transdisciplinar, levando em conta diversas áreas do conhecimento e criando relações entre elas. Serão utilizados autores que buscam criar ferramentas conceituais, as quais permitam uma compreensão do contemporâneo na direção de contribuir para tornar possível a criação de novas formas de vida dentro do contexto atual.

O primeiro capítulo tem a função de explicar como foi constituído o biopoder e suas implicações na produção de subjetividade contemporânea, colocando o skate enquanto prática possível de resistência a seus efeitos

moduladores. Prática vista como possibilidade de assumir uma perspectiva trágica da vida.

O segundo capítulo trata de fazer um panorama das formas de bioescese no contemporâneo, evidenciando as conseqüências da atuação do biopoder sobre o corpo, de forma a situar o skate e sua repercussão corporal nesse contexto.

No terceiro, quarto e quinto capítulos será analisada, mais especificamente, a relação do skate com as possíveis implicações políticas, estéticas e éticas, respectivamente.

O terceiro capítulo irá falar a respeito das implicações políticas da prática do skate, por meio da discussão do fenômeno de despolitização no contemporâneo e suas relações com o skate enquanto resgate da condição de sociabilidade do homem.

O quarto capítulo cuida da relação do skate com a repercussão estética que sua prática produz, levando em conta as possibilidades de transformação do espaço urbano.

O quinto capítulo retoma uma teoria a respeito da ética em Espinosa e discute os limites e possibilidades da prática do skate, além de fazer uma reflexão a respeito de uma possível visão de ética nas práticas “psi”.

Por fim, na conclusão os diferentes aspectos são articulados, de forma a ser relacionar a prática do skate com a psicologia, seus saberes e fazeres.

Sobre o Biopoder

Foucault ao longo de sua carreira acadêmica analisou as diferentes formas pelas quais o poder era exercido socialmente. Poder que não teria apenas um caráter negativo, no sentido repressivo, mas sim de algo que produz determinados comportamentos e modos de ser no mundo. O poder está sempre acompanhado de um caráter negativo, repressivo, mas é também constituído de um saber e de uma dimensão desejante, que faz com seja mais difícil de desvencilhá-lo dos corpos que são afetados por ele.

“Pois se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalçamento, à maneira de um grande super-ego, se apenas exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos no nível do desejo – como se começa a conhecer – e também no nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz”. (Foucault , 1979 p.148).

É a partir do estudo das relações de poder presentes nas variadas épocas que será possível caracterizar como se articulam as relações atuais de poder, em direção a uma compreensão do que pode funcionar dentro dos dispositivos atuais como ações de resistência. Ações de resistência estas que se operam num nível micropolítico e vão de encontro a todo um regime de signos que irá determinar as formas de ser, de sentir e de desejar.

A idade média foi caracterizada pela presença do poder soberano, no qual existia um poder centralizado nessa figura do soberano e que deveria ser respeitado por seus súditos. As ações dos sujeitos eram pensadas a partir do medo do efeito coercitivo que o poder do rei poderia exercer sobre seus súditos caso o desvio fosse relatado.

A forma de punir quem desviava das regras era um poder exercido diretamente sobre o corpo e contava com um ritual de exposição do culpado em praça pública. Era necessário mostrar a todos que, quem desobedecesse

às ordens do rei, receberia aquele tipo de punição. O soberano tinha, inclusive, o direito de fazer morrer aquele que se voltasse contra suas ordens.

Observa-se, no soberano, um poder com uma característica de negatividade, pois tem como fundamento subtrair dos súditos suas vidas, a partir do momento em que elas ameaçam sua soberania.

”O soberano só exerce, no caso, seu direito sobre a vida, exercendo seu direito de matar ou contendo-o; só marca seu poder sobre a vida pela morte que tem condições de exigir.” (Foucault, 1984, p.128)

A partir do século XVII, esse tipo de poder vai sendo modificado. Articula-se uma espécie de poder que não intenciona conter ou cessar as forças, mas sim domesticá-las e utilizá-las a seu favor. Surge uma nova forma de poder, que age positivamente sobre a vida.

“Pode-se dizer que o velho direito de causar a morte ou deixar viver foi substituído por um poder de causar a vida ou devolver à morte... Agora é a vida e ao longo de todo seu desenrolar que o poder estabelece seus pontos de fixação.” (Foucault, 1984, p.130)

Essa nova forma de poder que investe a vida é chamada de biopoder.

“Mas um poder que tem a tarefa de se encarregar da vida terá necessidade de mecanismos contínuos, reguladores e corretivos. Já não se trata de pôr a morte em ação no campo da soberania, mas de distribuir os vivos em um domínio de valor e utilidade.” (Foucault, 1984, p.128)

O fazer viver irá se articular de duas formas ao longo da história: primeiramente o poder disciplinar, e posteriormente a biopolítica. O poder disciplinar, que tem início no século XVII, cuidadosamente analisado no livro *Vigiar e Punir* de Foucault,

“(...) surge nas escolas, hospitais, fábricas, casernas, resultando na docilização e disciplinarização do corpo. Baseado no adestramento do corpo, na otimização de suas forças, na sua integração em sistemas de controle, as disciplinas o concebem como uma máquina (o corpo-máquina), sujeito assim a uma anátomo-política”.(Pelbart, 2003,p.57)

O poder disciplinar é acompanhado de uma determinada visão de natureza humana. O homem era concebido como um ser de uma natureza ruim ou indisciplinada, mas que poderia ser moldada pelo próprio homem a partir de um processo de disciplinarização e contenção de forças exercidas ao longo de toda sua vida.

Entretanto, tal estratégia de poder foi se refinando e passou a atuar de um novo modo. Não se tratava mais de conter as forças ou exercer um poder que fosse explicitamente coercitivo. No início do século XX, o poder passa a investir no desejo das pessoas, atuando de forma mais meticulosa, sendo exercido não somente nos espaços institucionais, mas sendo agora um poder que atua também fora dos espaços fechados, no formato de regras de sociabilidade e conduta.

“Eu penso que, do século XVII ao início do século XX, acreditou-se que o investimento do corpo pelo poder devia ser denso, rígido, constante, meticuloso. Daí esses terríveis regimes disciplinares que se encontram nas escolas, nos hospitais, nas casernas, nas oficinas, nas cidades, nos edifícios, nas famílias... E depois, a partir dos anos sessenta, percebeu-se que este poder tão rígido não era assim tão indispensável quanto se acreditava, que as sociedades industriais podiam se contentar com um poder mais tênue sobre o corpo.” (Foucault, 1984, p.148)

Já a biopolítica surge no século seguinte, incidindo não mais sobre os indivíduos, mas sim sobre as populações. A gestão da vida é

“(…) centrada agora não mais no corpo-máquina, porém no corpo-espécie – é o corpo atravessado pela mecânica do vivente, suporte de processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a longevidade- é a biopolítica da população”. (Foucault, 1984, p.57)

Investir sobre a vida significa produzir meios para homogeneizá-la, criando instituições que padronizem os comportamentos e que tornem a vida controlável. Atualmente o sistema capitalista investe a vida em quase toda sua

extensão. Guattari (1990) alerta em seu livro “As três ecologias” para uma subjetividade produzida em escala mundial.

“Mas a época contemporânea, exacerbando a produção de bens materiais e imateriais em detrimento da consistência de Territórios existenciais individuais e de grupo, engendrou um imenso vazio na subjetividade que passa a se tornar cada vez mais absurda e sem recursos”. (Guattari, 1990, p.30)

Percebemos uma existência que ganha em longevidade, mas que perde em termos de experiência diversificada. São vidas esforçadas em se prolongar ao máximo, tentando evitar suas transformações decorrentes de experiências profundas.

Giorgio Agambem (2002) vai prolongar o conceito de Foucault a respeito do biopoder, dizendo que o que o poder investe não é a vida em si, mas sim a sobrevivência. O poder tem como característica produzir sobreviventes (vida nua). O investimento do poder vai numa direção da vida biológica, na perpetuação da vida, sejam quais forem suas condições. A vida passa a se tornar uma finalidade em si.

Será realizada uma distinção entre o fato da vida e a variação das formas de vida. Produzir sobreviventes implica um empobrecimento das possibilidades de realização e de criação dos seres humanos. A vida, ao invés de ser vivida de um modo belo e criativo, torna-se uma vida que tem como objetivo apenas se manter enquanto tal, o que provoca um achatamento e mantém na superfície as possibilidades de realização dos seres humanos.

“A medicalização das esferas da existência, as representações pseudocientíficas do corpo, da doença, da saúde, seriam expressões desse domínio da vida nua, e, sobretudo, da redução das formas de vida ao fato da vida”. (Pélbart, 2003, p.60)

Nesse trecho, Pélbart cita aquilo que é chamado de medicalização da existência, ou seja, tudo aquilo que provoca alguma estranheza em nós já é tratado como sintoma a ser curado através da utilização de remédios. As

experiências profundas que nos poderiam levar a novas visões de mundo, a criar novos hábitos acabam sendo amortecidas pelo constante uso de medicamentos que nos mantém livres de riscos, mas com o preço de nos tornarmos aquilo que Rolnik (1997) chamou de subjetividade-zumbi.

Era esperado que diante da globalização da economia, das novas tecnologias que permitem uma comunicação direta e instantânea com qualquer outra região do mundo, as subjetividades passassem por um processo de enriquecimento e de profusão, criando-se novas formas de vida e de expressão.

“Tudo leva a crer que a criação individual e coletiva se encontraria em alta, pois muitas são as cartografias de forças que pedem novas maneiras de viver, numerosos os recursos para criá-las e incontáveis os mundos possíveis.” (Rolnik, 1997)

No entanto, é percebido que a mesma globalização, que permite uma dissolução das identidades, molda perfis padronizados e cria imagens de referência inatingíveis.

“Identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a identidades globalizadas flexíveis que mudam ao sabor dos movimentos do mercado e com igual velocidade” (Rolnik, 1997)

Segundo Rolnik (1997), a subjetividade se encontra anestesiada e intoxicada de certos modos de ser que impedem a proliferação da vida. Ela chama de toxicômanos da identidade as ações e forças que são constituídas socialmente de modo a padronizar e empobrecer as possibilidades de existência.

“Trata-se de uma droga disponível em profusão no mercado da mídia, sob todas as formas e para todos os gostos: são as miragens de personagens globalizados, vencedores e invencíveis, envoltos por uma aura de incansável glamour, que habitam as etéreas ondas sonoras e visuais da mídia; personagens que parecem pairar acima das turbulências do vivo e da finitude de suas figuras.” (Rolnik, 1997)

As referências identitárias da sociedade acabam se baseando nos personagens criados pela publicidade, que são figuras que demonstram um sucesso em todas as áreas da vida, com uma felicidade constante e inabalável.

Estariam entre os toxicômanos da identidade: as drogas fabricadas por indústrias farmacêuticas, as ditas “rações diárias de identidade” presente nas novelas, as ações publicitárias, os livros de auto-ajuda, as novas tecnologias light/diet.

“Múltiplas fórmulas para uma purificação orgânica e a produção de um corpo minimalista, maximamente flexível. É o corpo top model, fundo neutro em branco e preto, sobre o qual se vestirá diferentes identidades prêt-à-porter”. (Rolnik, 1997)

Enfim, trata-se no geral de maneiras de lidar com a dimensão caótica que atravessa nossas vidas.

“É que o quanto a vida pode fluir e afirmar-se em sua potência criadora, depende antes de mais nada da relação que se estabelece com o trágico, como se reage ao mal-estar a cada momento de nossa existência”. (Rolnik, 1997)

Enquanto os chamados toxicômanos da identidade produzem subjetividades que buscam uma estagnação ou uma estabilidade inatingível, que trata de conter as forças do homem ou direcioná-las para um ideal padronizado, persistem também ações que vão no sentido de abarcar essa dimensão trágica presente no homem, buscando não uma estabilização permanente, mas, sim, realizando uma busca ética, por estarem atentas às forças que afetam os sujeitos e de que modo estas podem ser incorporadas e modificadas de modo a constituir novas subjetividades.

O reconhecimento dessas alternativas de contestação coloca como posicionamento ético necessário para o psicólogo, seja em qual área estiver atuando, ter conhecimento sobre os dispositivos culturais/ artísticos disponíveis para compreensão do sujeito na sua processualidade e o conhecimento de ferramentas que o tirem desse lugar de estagnação.

“Nesta empreitada, é imprescindível estarmos atentos com a produção cultural, para nos prover de recursos cartográficos que nos ajudem a inventar formas mais de acordo com o que os novos diagramas nos exigem.” (Rolnik, 1997)

Anteriormente ao contexto atual, de produção de subjetividade que se modifica conforme as oscilações do mercado, de modo vertiginoso e extremamente veloz, as identidades eram algo muito mais fixo e ligado a uma estabilidade maior. Em decorrência disso, a experiência de felicidade era também atrelada a sensações de estabilidade, diferentemente dos tempos atuais em que a felicidade se encontra muito mais associada à sensação de vertigem.

“A vertigem como elogio, vista em sua positividade é algo muito recente, no Brasil do final do século XIX, por exemplo, muitas vertigens feministas eram consideradas histeria, fraqueza dos nervos, ou indício de uma moral duvidosa. Naquele tempo, não era aconselhável às “pessoas de bem” darem mostras de suas vulnerabilidades e de suas variações de potência”. (Sant’Anna, 1995)

A sensação de viver uma alteração de sentidos bruscamente é tomada como vivência de prazer e felicidade. Felicidade essa que anteriormente era vista não como vertigem, mas como algo mais sóbrio e menos dependente de uma ação incisiva. Percebemos esse elogio da vertigem nos mais diversos instrumentos de entretenimento da população, como os parques de diversão com suas montanhas-russas de tirar o fôlego; as músicas contemporâneas, que contêm altos e baixos e mudanças abruptas de ritmo, visando uma produção de instabilidade; e, por fim, o surgimento e aumento significativo da prática de esportes radicais, que tem como fundamento básico a sensação de alteração de sentidos, de forma veloz e abrupta.

“Associada à exigência do prazer e do bem-estar, encontramos a ênfase nas vantagens do esporte (Sant’Anna, 1994) e de um modo de ser que prima pela descontração dos gestos, pela flexibilidade do corpo e do pensamento.” (Sant’Anna, 1995)

É dentro desse paradoxo entre uma tentativa constante de se evitar o imprevisível, que aflora em todas as dimensões da existência e, ao mesmo tempo, a busca da vertigem como sensação de prazer, que se encontra a prática do skate e sua representação no imaginário social. É um esporte que simultaneamente ilustra características do contemporâneo e serve como ação de resistência à busca de estabilidade que produz uma vida mais empobrecida enquanto leque de possibilidades.

Temos nesse capítulo um panorama do modo como são estruturadas as relações de poder no contemporâneo e seus efeitos sobre as subjetividades. Feitas essas considerações agora será feita uma análise mais aprofundada a respeito do corpo no cenário que aqui foi esboçado.

Repercussões Corporais

Apesar das práticas ascéticas existentes na Antiguidade serem muito semelhantes às práticas de bioascese contemporânea, elas apresentam objetivos muito diferentes, que levam a diferentes modos de construção da subjetividade. As práticas contemporâneas tendem para a normatização e docilização dos corpos, ao passo que na Antiguidade as práticas ascéticas representavam resistência política e iam na direção de uma diferenciação, de expressão artística da singularidade.

“Enquanto nas ascetes da Antiguidade, o self almejado pelas práticas de si representava frequentemente um desafio aos modos de existência prescritos, uma forma de resistência cultural, uma vontade de demarcação, de singularização, de alteridade, encontramos na maioria das práticas de bioascese uma vontade de uniformidade, de adaptação à norma e de constituição de modos de existência conformistas e egoístas, visando a procura da saúde e do corpo perfeito”. (Ortega, 2000, p.20)

Em seu livro República, Platão assinala que os homens “valetudinários” da Antiguidade, aqueles que possuíam um culto excessivo ao corpo, representam certo declínio moral e político, não sendo produtivos socialmente. Ortega faz uma relação dos homens “valetudinários” da Antiguidade aos bioascetas contemporâneos: da mesma maneira que os bioascetas contemporâneos,

“(…) os valetudinários da Antiguidade trocaram o amor pelo mundo e a preocupação com o bem comum, pela promessa narcísica de prolongamento infinito da vida e a maximização das performances corporais, esquecendo, por vezes, que viver com medo da morte é ter medo de viver.” (Ortega, 2000, p. 25)

As práticas de ascese passam a ter esse estatuto de prática que segue uma normatização com o advento da biopolítica na sociedade disciplinar, a partir do século XVII:

“Se foi possível se constituir um saber sobre o corpo, foi através de um conjunto de disciplinas militares e escolares. É a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico.”
(Foucault,1984,p.149)

A sociedade disciplinar tornou possível a efetuação de um saber sobre o corpo, uma vez que o poder passou a investi-lo, ou seja, um saber sobre o corpo só foi concretizado pela necessidade de modulação dos corpos dentro da perspectiva de uma sociedade que visava torná-los úteis e dóceis, obtendo um máximo desempenho no menor período de tempo possível.

Se na Idade Média a distinção entre a nobreza e a plebe se dava pelo corpo, através das vestimentas e das posturas corporais, estas posturas não eram construídas a partir de uma alteração muscular. Eram forças exteriores ao corpo que promoviam a distinção, como, por exemplo, o corpete, que era um utensílio que segurava o corpo flácido ou não das mulheres nobres.

Na disciplina, o investimento passa a ser interior ao corpo. Para se produzir um corpo com a postura desejada, é necessário recorrer a exercícios físicos e práticas esportivas. Essa interiorização da disciplina torna-se possível a partir do estudo anátomo fisiológico característico dessa época.

Até meados do século XX o corpo era investido de uma qualidade termodinâmica, os pulmões eram concebidos como o grande centro de combustão humana, o calor passa a ser concebido segundo uma teoria que compreende a respiração em termos de combustão. Assim, a produção do calor vital deve-se a uma operação química. (Sant'Anna, 1995 p.251).

A partir de então, são observadas modificações na concepção de corpo. As descobertas feitas pela biologia molecular, a idéia de atrelar a disciplina ao prazer nos ambientes de trabalho, as novas possibilidades de saber e controle sobre o corpo humano fazem com que apareça um novo conceito, o conceito

de corpo informatizado. O corpo passa a ser considerado não somente por sua produção e consumo de energia, mas também pela informação que carrega.

Na atualidade, aquilo que Deleuze irá chamar de sociedade de controle, a disciplinarização dos corpos, não vem de uma demanda exterior, mas vem de uma demanda do próprio sujeito, de se adequar aos padrões estabelecidos pela mídia e pela publicidade. Se antes na sociedade disciplinar nossos corpos eram docilizados e domesticados segundo um poder exterior a nós, atualmente esse poder é exercido por nós mesmos.

“Ela (ecologia social) jamais deverá perder de vista que o poder capitalista se deslocou, se desterritorializou, ao mesmo tempo em extensão – ampliando seu domínio sobre o conjunto da vida social, econômica e cultural do planeta – e em intenção – infiltrando-se no seio dos mais inconscientes estratos subjetivos”.(Guattari, 1990, p.33)

A mídia investe no desejo das pessoas, e passamos a consumir um padrão mundial e idealizado de corpo. Corpo tratado como objeto e que deve estar em constante transformação, visando a melhor aparência.

“Trata-se da formação de um sujeito que se autocontrola, auto-vigia e autogoverna... O eu que se pericia tem no corpo e no ato de se periciar a fonte básica de sua identidade.” (Ortega, 2008, p.32)

O cuidado de si passa a ter um valor moral, as pessoas que não tomam esse modelo como padrão são constantemente taxadas como preguiçosas, atribuindo-se a sua forma corporal a uma ausência de vontade. A saúde aí é tomada como uma finalidade em si, é necessário produzir corpos belos e saudáveis para se adaptar à norma.

Outro aspecto que se faz presente nesse contexto é que, seja qual for a nomenclatura utilizada para ilustrar o contemporâneo, é possível notar que uma de suas características fundamentais é a sensação de insegurança. A única certeza que temos atualmente é a de que não há certezas.

Um elemento que sustenta tal sensação é a flexibilização das instituições. Por exemplo, a concepção de família sofre uma grande mudança,

com casamentos que não duram mais uma vida inteira; corre-se o risco de, a qualquer momento, seu parceiro se apaixonar por outra pessoa

“Pode-se supor (mas será uma suposição fundamentada) que em nossa época cresce rapidamente o número de pessoas que tendem a chamar de amor mais de uma de suas experiências de vida, que não garantiriam que o amor que atualmente vivenciam é o último e que têm a expectativa de viver outras experiências como essa no futuro.”(Bauman, 2003, p. 19).

Da mesma forma, um bom funcionário não é mais aquele que é fiel à empresa em que trabalha, permanecendo por um longo tempo nesta, mas é aquele que é flexível e que tem em sua carreira uma série de empresas pelas quais já trabalhou. O que mantém o trabalhador não é seu passado ou sua relação de confiança, mas o que mantém ou coloca uma pessoa no mercado é sua capacidade de criar projetos e de aspirar modificações possíveis para que a empresa aumente sua produtividade.

No âmbito educacional, não se trata mais de uma prova no final do ano que irá dizer se o aluno foi ou não aprovado, mas será avaliado continuamente sua produção e comportamento diário. Não se trata aqui de fazer uma crítica a esse novo modelo de educação, mas sim à filosofia que pode disseminar, de levar em conta apenas o processo, o processo em si e sem finalidade clara, ao invés de focar também o resultado, colocando o sujeito em constante estado de avaliação.

“Na busca por estruturas cada vez mais flexíveis, a instabilidade é exaltada, transforma-se em objetivo de empresas, organizações governos e estados e, sob essa dinâmica, muitas instituições perdem toda a perspectiva de longo prazo.” (Mancebo, 2002, p.82)

Ocorre também aquilo que é chamado de dissolução da personalidade; em diversos livros e teorias substitui-se o termo personalidade por subjetividade, sendo a personalidade vista como algo mais fixo e rígido e a subjetividade vista como flexível e soft.

São demonstrações e manifestações que revelam que o homem não tem mais uma identidade fixa e localizada, mas que atualmente são produzidas

subjetividades globais e flexíveis, que são modificadas segundo os padrões exigidos pelo mercado em determinado momento.

“Ocorre uma convocação permanente de rearranjos e reconfigurações, e homens e mulheres descobrem-se de modo precário e incerto numa experiência não raramente vivida como fragilidade e medo de não se configurar de forma minimamente eficaz.” (Mancebo, 2002, p.78)

Os atentados terroristas também evidenciam a fragilidade do Estado em relação à defesa e ao controle de sua população. Desde o atentado de 2001 às torres gêmeas, foi demonstrado que, por mais rígidos que sejam os padrões e medidas de segurança, é impossível ter controle sobre a vida e garantir a segurança plena dos cidadãos.

Nesse contexto de instabilidade em toda a extensão da subjetividade contemporânea, tende-se a procurar refúgios de segurança e conforto em meio ao caos. Busca-se a todo o momento evitar situações desconfortáveis e arriscadas, o sofrimento é tratado como uma patologia, qualquer vivência de tristeza com certa profundidade é tomada como doença a ser medicada.

“Quem não procurar uma existência livre de riscos torna-se um novo desviante, irresponsável, inapto para cuidar de si, que fornece maus exemplos, eleva os custos do sistema de saúde e, como consequência, não cumpre seus deveres de cidadão autônomo e responsável”. (Ortega, 2008, APUD Petersen, 1997, p. 34)

Nesse contexto conduzido pelo medo e pela influência midiática que padroniza as subjetividades em escala mundial, vemos um corpo que, ao mesmo tempo em que aparenta um vigor como nunca antes visto, empobrece cada vez mais em potencialidade e capacidade de experimentação. Assistimos a um corpo domesticado e anestesiado sensorialmente. Parece haver por trás de todas as ações uma exigência implícita de um determinado padrão de comportamento,

“(…) como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais forma de controle-repressão, mas de controle estimulação: “Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzado!”(Foucault, 1984, p.147).

As mais variadas formas de viver são submetidas a um modo específico de ser e de aparentar. Quem desvia desse padrão se torna um desviante que será julgado moralmente.

Mas, é exatamente nesse ponto insuportável, que a vida começa a demonstrar seus focos de resistência. É exatamente naquilo que o poder investe que se tornará instrumento de resistência desse poder, a vida.

“No contexto de capitalismo cultural, que expropria e revende modos de vida, não haveria uma tendência crescente, por parte dos chamados excluídos, em usar a própria vida, na sua precariedade de subsistência, como um vetor de autovalorização?” (Pélbart, 2003, p. 22)

Grafitiros, cantores de rap, e toda uma cultura urbana, que antes era considerada uma cultura inferior ou marginal, passa a ter seus modos de expressão legitimados e reconhecidos. Começam a ser produzidas, no espaço urbano, novas formas artísticas, que não chegam aos museus, mas aquelas provenientes de uma classe com menos recursos financeiros, que passa a enxergar, em ambientes disfuncionais ou abandonados à primeira vista, uma possibilidade de intervenção e cultivo de diferentes modos de se relacionar com o espaço.

Com o surgimento de tecnologias que permitem a produção de mídias independentes (youtube, podcasts), pessoas passam a criar vídeos e escrever coisas inusitadas, sem a regulamentação do Estado e se tornam um forte dispositivo de liberação e inovação.

Estamos enfocando aqui especificamente o skate, como prática que pode criar novas formas de resistência a esse poder que investe a vida. Mas é importante dizer que sua prática é uma dentre tantas outras, que podem ser inventadas e utilizadas de modo a conectar a vida com uma potência maior. Ao mesmo tempo em que o capitalismo atual tem essa função de desterritorializar tudo e recodificar tudo em seu sistema, a sua resistência, bem como sua regulação, podem ser realizadas em qualquer espaço.

Implicações Políticas

Como foi dito no início deste trabalho, o skate tem sua origem muito ligada a uma atitude subversiva, seja no plano simbólico ou no plano concreto. A identidade do praticante de skate esteve desde seu início relacionada à marginalidade, à delinquência e à drogadição.

Essa visão do skate como representativo de um ato subversivo pode ser compreendida pela sua origem e pela mudança simbólica que opera nos espaços onde é realizado. De certo modo, o skate provoca nas outras pessoas um incômodo, pois convoca a olhar o espaço urbano sob uma nova perspectiva. Os equipamentos de skate possuem um baixo custo em relação aos outros esportes, e a cultura do skate é também muito relacionada ao movimento punk, ao hip hop e ao grafite. Sendo assim, é comum o skate carregar essa representação que, ao mesmo tempo em que denigre a imagem dos seus praticantes, também traz consigo um potencial de mudança e de protesto.

Já de início o skatista subverte a funcionalidade arquitetônica do meio urbano. Por exemplo, na Califórnia, para que fosse possível surfar no concreto, os skatistas invadiam as propriedades que possuíam piscinas esvaziadas devido à política de racionamento e usavam-nas para prática do skate. Em um outro exemplo, os corrimãos, que são comumente utilizados para garantir a segurança de um cidadão que está descendo uma escada, são utilizados pelo skatista como obstáculo para se deslizar sobre, necessitando de alta velocidade e envolvendo um alto risco para o praticante.

“Eles usam guias, bueiros, paredes ou qualquer outro obstáculo urbano improvisado - a criatividade e o gosto pelo imprevisível acabam sendo o diferencial do "pico". Folha de SP 23/07/2009

O skate intervém diretamente sobre o espaço urbano/ político, coloca um novo modo de olhar sobre a arquitetura. Os bancos viram obstáculos feitos para se deslizar sobre, as escadarias serão observadas por sua largura e distância. O olhar do skatista analisa sempre o que pode aquele cenário, quais os limites daquela configuração arquitetônica.

O imprevisível da cidade coloca-se constantemente como desafio ao skatista, que terá de pensar movimentos dentro das paisagens. O skate produz novos olhares sobre a urbe, que precisa do espaço público para acontecer, espaço que é modificado simbolicamente por essa prática. Ou seja, o skatista modifica a maneira usual de se utilizar o espaço urbano, produzindo ativamente um novo olhar para os recursos materiais que o circundam.

Essa transformação simbólica do espaço pode ser vivida pelos outros cidadãos como um ato de violência, de transgressão, de estranhamento, pois se trata da produção de algo novo e que abre possibilidade para os mais diversos julgamentos do ato.

Brandão (2008), em sua dissertação, traz uma citação da Revista *Overall* a esse respeito:

Eu quero mais é asfalto e concreto, para pegar meu skate e sair por aí, gastando minhas rodas, descendo e subindo ladeiras puxado por ônibus, dropar muros, horrorizar o trânsito, achar transições para uma boa diversão, entrar na contra-mão, subir guias, etc. Por quê? Porque nós amamos isto, vivemos disto!!! Imagine a infinidade de coisas que uma cidade pode ter em suas ruas: postes, carros, guias, shits, bêbados, bichos, transições, buracos, valas, velhas e muito asfalto. E o que isso significa? Obstáculos? Talvez sim para aqueles que não possuem a ousadia de encarar ruas desconhecidas e terrenos inexplorados. Mas, para outros, todos esses “obstáculos” se transformam num verdadeiro campo de batalha, em que o objetivo é demonstrar o domínio sobre a arma de ataque: o skate. E o ground de ação – as ruas!

(Revista Overall, ano 1, número 2, 1985, p. 16 citado por Brandão, 2008, p.17)

Atualmente não existe nenhuma lei que proíba as pessoas de andarem de skate em São Paulo, entretanto nem sempre foi assim. No ano de 1988, Jânio Quadros, então prefeito de São Paulo, proibiu a prática do skate, tanto no parque do Ibirapuera que era um local de grande concentração de skatistas, quanto nas ruas da cidade.

“Primeiramente, Jânio Quadros proibiu o skate no parque do Ibirapuera, um local onde há anos vinha sendo praticado. Não satisfeito, decidi também proibi-lo por toda a cidade de São Paulo”. (*Brandão, 2008, p.19*)

Atualmente, mesmo que legalmente não seja proibido, em muitos locais a prática é vetada e quando surgem reclamações para a polícia, os policiais vão até o local e recomendam aos skatistas andarem em outro lugar.

De acordo com a Gerência da Avenida Paulista, que é um órgão criado há um ano e cuida da via a serviço da secretaria das Subprefeituras do município de São Paulo, não existe lei que proíba os skatistas de praticarem na calçada. "É uma questão de bom senso mesmo", analisa o gerente Heitor Sertão (Folha de SP 23/07/2009).

Segundo pesquisa do Datafolha³, o skate possui 3,8 milhões de praticantes no Brasil, sendo que grande parte dos skatistas brasileiros estão concentrados no Estado de São Paulo. O incentivo ao esporte é ainda muito pequeno, sendo raros os atletas profissionais que conseguem viver da profissão no Brasil. Os atletas brasileiros geralmente vão para o exterior em busca de reconhecimento e de patrocínios que forneçam estrutura para se viver do skate.

A cidade de São Paulo oferece poucas pistas de skate e os espaços públicos, na maioria das vezes, são bastante irregulares e de superfície áspera, o que dificulta a prática do esporte. Mesmo nessas situações adversas, o Brasil

³ Pesquisa divulgada em Dezembro de 2009 no site www.espn.com.br acessado em 22 de fevereiro de 2010

é a segunda potencia mundial no skate, perdendo apenas para os EUA. Alguns dizem que esta situação adversa contribui, de certa forma, para que o skate se desenvolva de modo diferenciado no Brasil, e quando os atletas nacionais saem daqui, encontram maior facilidade na superação de obstáculos.

A criação de pistas de street skate, que seriam locais construídos para a prática de skate com obstáculos específicos que simulam paisagens do cenário urbano, coloca-se como um grande paradoxo quanto ao aspecto político que envolve o skate. Ao serem criadas pistas de skate, este passa a ser reconhecido pelo governo como um esporte e é incentivado. Entretanto, ao criar-se um espaço apropriado para sua prática, o skate fica automaticamente excluído do espaço público, correndo o risco do esporte ser afetado apenas pelos seus praticantes.

Entretanto, reconhecer o skate como modalidade esportiva que é praticada nas ruas parece ser algo muito difícil de ser compreendido, tanto pelo poder público, quanto pela população. Nesse sentido, as pistas têm de fato um papel muito importante para o skate no geral, até porque a modalidade vertical só é possível de ser praticada em pistas, pois nas ruas não existe nenhum obstáculo que poderia simular um half-pipe.

Mesmo em se tratando especificamente do skate de rua, as pistas de skate favorecem um aprendizado maior de movimentos e técnicas, uma vez que os obstáculos são mais regulares que os das ruas e o chão é mais linear e liso, ou seja, é uma simulação do que poderia ocorrer na rua sob condições ideais.

Ao ser criada uma pista próxima a spots de skate, esses locais passam a ser proibidos para uso dos skatistas, com a justificativa de que foi construído um espaço somente para esta prática. A pista de street skate é, sem dúvida, de grande importância para o desenvolvimento e profusão do esporte, pois viabiliza um aprendizado maior, simulando as ruas com obstáculos ideais para a prática e integrando mais os praticantes do esporte. No entanto, é de extrema importância a interlocução entre o skate de rua propriamente dito e a utilização das pistas.

Ortega (2000) vai apontar que vivemos numa época caracterizada pela tirania da intimidade, onde o espaço público é cada vez menos utilizado em função de uma supervalorização do privado, e de tudo aquilo que se refere à intimidade dos sujeitos. Esse individualismo exacerbado e essa necessidade de exposição da intimidade vão justificar o aparecimento e o culto às celebridades instantâneas, a exposição detalhada da vida em blogs, twitter, BBB⁴ e outras ferramentas. Tendemos a nos expor na tentativa de tornar tudo familiar, de vivenciar certa familiaridade em todos os ambientes que freqüentamos, garantindo assim segurança e estabilidade em nossas vidas.

“Na medida em que se constroem corpos políticos sobre a família e são compreendidos como uma imagem dela, considera-se que os parentescos podem, por um lado, unir os mais diversos e, pelo outro, permitir que figuras semelhantes aos indivíduos distingam-se as umas das outras (...). Em ambos os casos, a ruína da política resulta do desenvolvimento de corpos políticos a partir da família.” (Arendt Apud Ortega, 2000, p.31)

Ao buscarmos familiarizar todas as relações que temos com as outras pessoas na tentativa de criar um ambiente de segurança e de conforto, perdemos o potencial político contido nas relações sociais. “A advertência arendtiana é clara: o preço do desejo de segurança e conforto mediante o estabelecimento de parentescos é a “perversão fundamental do político”, pois suprime-se a pluralidade, condição da política.” (Ortega 2000 p.31)

A despolitização da era contemporânea foi chamada por Carl Schimidt de “era da segurança”, relacionando o ganho em segurança concomitante à perda da politização. Política é concebida como um risco, a saída da família representava um ato de liberdade “não só o lugar em que os homens estavam dominados pela necessidade e coação, mas também, em estreita conexão com

⁴ BBB – Big Brother Brasil é um reality show que já foi televisionado em uma serie de países (10 edições no Brasil). “O programa consiste no confinamento de um número de participantes (na maioria das temporadas, 14) em uma casa cenográfica, sendo vigiados por câmeras 24 horas por dia, sem conexão com o mundo exterior: os participantes não podem falar com seus parentes e amigos, não podem ler jornais ou usar de qualquer outro meio para obter informações externas. O objetivo do programa é eleger como celebridades pessoas "normais", que se inscrevem enviando vídeos para a produção do programa.”

isso, o lugar onde a vida era garantida, onde tudo estava pronto para satisfazer as necessidades vitais.” (Arendt APUD Ortega, 2000, p.32) A disposição para arriscar a vida, o movimento de sair da vida privada e a entrada numa vida pública constituiriam uma condição para se tornar um homem livre. Nesse sentido, a ampliação dos espaços de exposição da intimidade representa uma negação da vivência do espaço público, na perspectiva do risco da disputa política, tornando o espaço público despolitizado.

Ortega convoca a uma maior participação do homem na esfera pública, à assunção de um posicionamento político diante dos fatos, evidenciando a necessidade de vivermos em comunidade e partilhar dimensões da existência. A politização só é possível quando vemos no outro uma alteridade, alguém distante de nós, que nos provoca estranhamento, que pode de fato produzir em nós algo novo, permitindo a invenção de novas formas de sentir, amar, viver, ampliando a dimensão existencial do contemporâneo.

O skate é um esporte fundado e criado a partir do espaço público, sendo assim uma alternativa possível para a criação de territórios existenciais que possam gerar mais vida na cidade. O skate privilegia justamente a busca pela novidade, a constante necessidade de criar diante das bases materiais que o ambiente oferece.

Nesse sentido, a prática do skate está diretamente ligada a uma ação política, evidenciando formas diferentes de se olhar os espaços habituais, podendo ser vista como uma ferramenta de resistência a esse processo de despolitização e de subutilização dos espaços públicos. A transgressão simbólica que é provocada pela ação do skatista incita outros modos de se apropriar do espaço público, não somente como local de passagem, mas espaços onde podem ser compartilhadas expressões artísticas das mais variadas formas. O que pode estar por trás do estigma do skate enquanto esporte ligado à marginalidade e à delinquência é justamente seu potencial de transformação daquilo que está confortavelmente estagnado.

A prática do skate continuará a lembrar a todos aquilo que se quer esquecer: existe cotidianamente a possibilidade de transformarmos os espaços que habitamos, mas para que isso ocorra se faz necessário um grande esforço

de criação e de posicionamento ético. E é sobre essa exigência estética e ética que se falará a respeito nos capítulos seguintes.

Implicações Estéticas

As manobras realizadas no skate são por muitas vezes indecifráveis, seja pelo momento inesperado em que elas ocorrem, pelo espaço inusitado em que são criadas, seja pela velocidade na qual são realizadas. Tudo ocorre concomitante a um esforço do skatista de fazer a manobra parecer cada vez mais suave, de forma que o esforço e o movimento se tornem cada vez mais imperceptíveis. No momento em que uma manobra é realizada com precisão e leveza, algo escapa do que seria observável racionalmente, ocorre uma ruptura de sentido, próximo daquilo que ocorre quando nos deparamos com uma obra de arte.

“O movimento está numa relação essencial com o imperceptível, ele é por natureza imperceptível. É que a percepção só pode captar o movimento como uma translação de um móvel ou o desenvolvimento de uma forma. Os movimentos e os devires, isto é, as puras relações de velocidade e lentidão, os puros afectos, estão abaixo ou acima do limiar de percepção.”
(Deleuze e Guattari, 1980, p. 74)

O espectador possui a sensação de que algo imprevisível irá ocorrer, mas não sabe o quê exatamente, e depois de realizado o movimento, não se tem uma noção clara de como aquilo foi possível.

“É como os enormes lutadores japoneses, cujo passo é demasiado lento e o golpe demasiadamente rápido e repentino para ser visto: então, o que se acopla, são menos os lutadores do que a infinita lentidão de uma

espera (o que vai se passar?) com a velocidade infinita de um resultado (o que se passou?)” (Deleuze, Guatarri, 1980, p.74)⁵

A prática do skate traz consigo não apenas uma modalidade esportiva, mas traz também toda uma cultura que modula modos possíveis de existência. O que se valoriza no desempenho do skatista não é somente a dificuldade das manobras que são realizadas, mas principalmente a originalidade, a plasticidade e a leveza com a qual a manobra é executada e como ela se conjuga com a paisagem, com o recurso urbano ali disponível. É possível que um praticante de skate possa ter uma produção artística atrelada ao seu cotidiano, onde o saber não se encontra separado da dimensão desejante do sujeito, nem do plano ético que o sustenta.

Guattari (1992) vai apontar para a necessidade de transformar a lógica enraizada nos espaços já construídos, a fim de que uma transformação subjetiva se torne possível. “O ideal seria modificar a programação dos espaços construídos, em razão das transformações institucionais e funcionais que o futuro lhes reserva. A invenção de novos materiais deveria permitir uma tal multiplicação das dimensões do design.” (Guattari, 1992, p.176)

Foucault ao final de sua carreira promove um retorno à Grécia Antiga, justamente para evidenciar como era produzida a vida grega. E descobriu que ali havia uma preocupação com a estética da existência. O homem concebia seu próprio corpo como campo de batalha entre forças ativas e reativas e era

⁵ <http://www.youtube.com/watch?v=-51qROtKASE>. Vídeo que fala a respeito do skate e sua relação com o imperceptível, aqui vai um endereço na internet de um programa do canal Discovery Channel ,que mostra alguns dos movimentos básicos do street skate capturados em câmera lenta O físico que cobre a matéria chega a dizer “like all great art, it looks simple, until you try it.” You have incorporated all these really complicated physics into your instincts and you can do this without even thinking about it”. “It’s like he is a scientist without even thinking about it, he’s got to know all this physical principles and have all this athletic ability combined without even thinking about it.” (“É como toda grande obra de arte, parece simples até você tentar”. “Você incorporou todas essas complicações físicas nos seus instintos e você consegue fazer isso sem nem mesmo precisar pensar”. “É como se ele fosse um cientista sem pensar nisso, ele precisa saber todos os princípios físicos e ter toda essa habilidade atlética combinados sem precisar pensar sobre isso”.)

necessário estar em constante conflito para poder produzir uma vida bela. A arte não se encontrava somente nos objetos exteriores ao homem, mas havia toda uma preocupação em fazer da própria vida uma obra de arte.

A obra de Foucault sempre foi conduzida por essa grande questão de como funciona a separação entre o governo de si, o saber e a ética. Em outras palavras, como constituir aquilo que Nietzsche colocava como os pilares do super-homem, que seriam o saber, o desejo e a ética. Vemos na prática do skate a criação possível de territórios existenciais que reconectam o homem com sua potência, o que exige do homem um saber corpóreo, um saber do meio que o circunda e a capacidade de criação para realização dos movimentos.

O skatista passa a pertencer a uma tribo que desenvolve modos específicos de linguagem por conta da necessidade de se falar a respeito da prática e das manobras que se diferenciam dos outros esportes. Sua cultura está muito relacionada a outras culturas urbanas, como a prática do grafite, o movimento punk e o hip-hop. É comum encontrar skatistas que sabem sobre grafite, hip-hop ou que ouçam músicas punk.

Por outro lado, hoje em dia as vestimentas e gírias utilizadas por skatistas são utilizadas não somente por seus praticantes, mas também por pessoas que simpatizam com sua prática, ou querem aparentar ser um skatista. Dessa forma, assim como outros movimentos de cultura underground, o skate também é capturado pela máquina mercantil, o que em certos momentos, retira dele seu potencial subversivo. Entretanto, isso ajuda, ao mesmo tempo, a ampliar seu raio de ação. É dentro desse paradoxo que a prática do skate vai sendo constituída.

Por mais que o skate seja um esporte muito praticado em todo o mundo, ele continua a ser considerado um esporte minoritário pelo fato de ser um esporte que carrega um símbolo de subversão e que está relacionado à marginalização. Esta consideração deve-se também ao seu caráter disruptivo, que causa no outro certo mal-estar, por provocar uma ruptura das significações do espaço público. Nesse sentido, o skate se aproximaria de um viés artístico,

podendo provocar no outro uma problemática, um afeto, ou algo que tire o sujeito de seu lugar habitual.

Implicações Éticas

O posicionamento ético encontra-se problematizado em todas as esferas da ação humana. O presente trabalho irá se utilizar do conceito de ética em Espinosa, visando a partir da explicação desse conceito, a sua interação com a prática de skate.

Espinosa instaurou na filosofia um modo diferente de conceber deus, sendo inclusive expurgado de sua seita religiosa na época. Espinosa acreditava em um deus puramente imanente, ou seja, que deus estaria em todas as manifestações da natureza, diferentemente da teologia tradicional que concebe deus numa esfera transcendente.

Para ele, deus e natureza seriam uma mesma coisa, deus estaria ligado diretamente à noção de produção. A Natureza se auto-produziria sendo uma manifestação de deus (natureza naturante), ou seja, deus era a liberdade por excelência, exatamente pelo fato de ser dono de suas ações. Liberdade para Espinosa era definida como a capacidade de agir, sem ser constrangido por forças externas. Logo, deus seria livre pela ausência de constrangimento.

Já os homens são constituídos a partir da relação que estabelecem com os outros corpos (moléculas, pessoas, objetos, etc), sendo constantemente afetado por estes. O homem, então, seria um ser apaixonado, onde paixão significaria essas forças exteriores que o afetam. Ulpiano faz uma metáfora

dizendo que o homem seria como um grande oceano que se movimentaria em função das ondas; essas ondas seriam representantes das forças exteriores atuantes. Desse modo, o homem só poderia ser livre no momento em que pudesse realizar suas ações a partir das forças que vêm de dentro de si. Só há liberdade caso sua vida seja produzida por você mesmo.

Para melhor explicitar o que seria essa liberdade, Espinosa separou três gêneros de conhecimento possíveis.

O primeiro gênero do conhecimento seria o gênero da consciência, ou da experiência vaga, onde se considera que nossa consciência é apenas um efeito, um resultado dos encontros que nossos corpos fazem com a natureza. A consciência é o registro em nosso corpo de como as forças nos afetaram ao longo de nossa vida.

“E isso porque a consciência é naturalmente o lugar de uma ilusão. A sua natureza é tal que ela recolhe efeitos, mas ignora as causas.” (Deleuze, 2002, p.25)

A consciência é, então, apenas resultado das forças exteriores que atuam no homem. O homem do primeiro gênero do conhecimento é limitado a ser aquilo que as forças exteriores determinaram que ele seria.

O momento em que o homem começa a se relacionar com as forças da natureza e busca compreendê-la, busca estudar seus padrões e suas manifestações, seria característico do segundo gênero do conhecimento, que é o gênero da razão. O homem passa a conhecer aquilo que está do lado de fora, as forças que atuam e que são exteriores a ele, dando possibilidade à criação do conhecimento científico, caracterizado pela ação dentro do campo da moral e da busca pela verdade.

Já o terceiro gênero seria o gênero da ciência intuitiva, que é caracterizado pela capacidade do homem de ser afetado pelas forças exteriores, e a partir disso produzir algo novo, criar novos modos de vida, novos modos de pensar. Nesse gênero o homem é livre, pois produz a partir de forças interiores a ele, o que guia suas ações não é mais um valor moral exterior, mas sim uma ética.

Vivemos numa época em que é dado um valor maior ao conhecimento científico. Coloca-se na ciência o valor absoluto de verdade. Tudo que é divulgado como sendo pesquisado cientificamente, atualmente ganha o estatuto de verdade incontestável. Mesmo assim assistimos a uma série de pesquisas que mostram o contrário de outras que anteriormente eram tomadas como verdade absoluta, obrigando o homem a repensar seus valores de certeza.

Um exemplo disso é o modo como a economia é pensada atualmente. A partir do momento em que o capital passou a ter um valor em si, não mais sendo necessário a ocorrência de sua concretização para a realização de seu valor, a bolsa de valores passou a operar e funcionar a partir de uma lógica que aponta para tendências que podem ou não serem confirmadas. Isso levou economistas financeiros a passarem a pensar a respeito do aspecto irracional dos investimentos nas bolsas de valor. Mesmo com as tecnologias se tornando cada vez mais refinadas, percebe-se que existe na natureza algo que foge da ordem do controle, que é essencialmente caótico, e que o saber não é constituído apenas de uma racionalidade, de um rigor científico. Espinosa em sua época já dizia do valor deste tipo de conhecimento.

É inseparável da prática do skate a necessidade de uma conduta ética no sentido da avaliação dos riscos que o praticante corre ao tentar executar as manobras. A todo o momento ocorre uma situação de tensão sobre o que pode ser realizado com o corpo em articulação com o skate. Na realidade, o corpo e o skate tornam-se uma coisa só enquanto ocorre a prática do skate. Pode-se dizer que o skate seria como uma prótese que será incorporada na ação do sujeito, ampliando suas possibilidades.

Entende-se que é a esse tipo de saber que Espinosa se refere quando aponta a desvalorização da consciência em nome de uma valorização do corpo e do pensamento. Conhecimento que está além da moral e é adquirido afetivamente por meio de experiências sensoriais, mas que exige a cada instante a sua transformação e a sua adaptação ao meio em que ocorre.

Para o filósofo Gilbert Simondon (1958), o homem só exerce a ética quando está comprometido numa relação com algo que exige dele um saber

afetivo e técnico, criando na relação uma tensão, certo desconforto que propicia a criação de algo novo.

O skate apresenta-se como um esporte que cria essa situação de tensão em sua prática. O skate exige um saber corporal muito refinado e ao mesmo tempo um saber de improviso, que supõe a criação de movimentos a partir do que o espaço oferece enquanto possibilidade. O skatista busca sempre o limite entre o que pode ser realizado e aquilo que seria impossível. Para habitar essa zona se faz necessário uma conduta avaliativa dos riscos que se corre e das conseqüências possíveis. A tensão, a sensação de desconforto que se faz necessária para a existência da ética está em muitos momentos presente na prática do skate.

Considerações finais

O presente trabalho é quase todo uma justificativa, junto de uma análise das implicações, da prática do skate no espaço urbano e de sua relação com a psicologia. Para que essa justificativa fosse possível, foi escolhido abordar os aspectos éticos, estéticos e políticos que atravessam tanto a prática psicológica quanto a prática do skate. Estes aspectos foram “separados” apenas por uma finalidade didática, uma vez que a ética, a estética e a política são produzidas simultaneamente e são praticamente indiscerníveis quando implicadas em um ato.

É necessário salientar que a prática do skate é uma dentre uma infinidade de práticas que podem servir como instrumento de resistência ao biopoder. Como o biopoder atua em todas as facetas da existência humana, é também em todas as facetas que revoluções micropolíticas podem ocorrer. É exatamente através da vida e da experiência de tempo e espaço que temos que se encontra a possibilidade de produzir novas possibilidades de ser.

Foi discutido também, mais implicitamente ao longo deste trabalho, o conceito de saúde que permeia a sociedade atual, confrontado com um conceito de saúde que acreditamos ser uma responsabilidade ético-política do profissional de psicologia na atualidade.

Tal conceito de saúde não tem um caráter normativo, de produzir subjetividades adaptadas à norma e apóia-se na esperança de atingir um

estado de felicidade onde não existiria sofrimento nem dificuldade. Como contraponto a essa visão normatizadora de saúde, buscou-se colocar uma concepção trágica da existência, onde a vida não visa uma finalidade em si, nem precisa justificar-se enquanto vida. Em vez disso, busca-se a vida que tem como foco o processo, e o modo como as coisas são feitas, sua ética, não estritamente o resultado que ela produz.

O sofrimento e a problematização do cotidiano são colocados como imprescindíveis para a produção de uma vida bela. Foucault (1984) já dizia que seria necessário considerar a si mesmo como um campo de batalha, a beleza da vida estaria justamente na tensão criada entre os conflitos humanos e a tentativa de solucioná-los.

Entendemos que é tarefa do psicólogo fazer o sujeito tornar-se aquilo que ele é, produzindo neste autonomia para realizar suas escolhas e conseguir efetuar suas potencialidades. Para tal, se faz necessário estar atento não somente aos conhecimentos da área “psi”, mas também ao que é produzido culturalmente em nossa sociedade e por aquilo que as subjetividades estão sendo atravessadas.

Cabe pensarmos as discussões que foram feitas a partir do skate tendo capacidade de deslocá-las para outros acontecimentos que podem ser muito maiores ou muito mais sutis. As pequenas ações em nosso cotidiano são passíveis de análise de implicações éticas, onde é possível estar numa relação de criação de algo novo, de algo exterior aos dois termos que envolvem a relação. O que se pretende nesse trabalho não é mostrar caminhos, nem mesmo de colocar o skate como O instrumento de resistência, mas sim utilizá-lo como ferramenta para criar possibilidades de levar o pensamento a lugares desconhecidos, a confrontar o pensamento com as idéias que aqui foram apresentadas.

Referencias bibliográficas

AGAMBEM, G. Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

BRANDÃO, Leonardo, Entre a marginalização e a esportivização: elementos para uma história da juventude skatista no Brasil, Revista de História de Esporte Artigovolume 1, número 2, dezembro de 2008.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia Volume III Rio de Janeiro: Editora 34, 1980.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle in L'Autre Journal, nº1, maio de 1990.

DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DELEUZE, Gilles Espinosa- Filosofia Prática São Paulo: editora Escuta, 1970

DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 1988

GUATTARI, Felix . Caosmose – Um Novo Paradigma Estético Rio de Janeiro: editora 34, 1992

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade volume I , 1984

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade volume I , 1984

FOUCAULT, Michel Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979

Du mode d'existence des objets techniques. Paris: Éds. Mouton, 1958.

GUATTARI, Felix . Caosmose – Um Novo Paradigma Estético Rio de Janeiro: editora 34, 1992

GUATTARI, Felix As Três Ecologias. Campinas, SP: Papyrus, 1990

MANCEBO, D. Contemporaneidade e feitos de subjetivação. In A. M. B. Bock (org) Psicologia e compromisso Social (p.75-92). São Paulo: Editora Cortez 2003.

ORTEGA, Francisco. O corpo incerto – corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: editora Garamond, 2008.

ORTEGA, Francisco. Para uma política da amizade – Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000

ORTEGA, Francisco. Genealogias da amizade. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

ORTEGA, Francisco. Amizade e estética da existência em Foucault. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1999.

PELBART, Peter Pal. A vertigem por um fio – Políticas da Subjetividade Contemporânea: Editora Iluminuras, 2000.

PELBART, Peter Pal. Vida Capital – ensaios de biopolítica. São Paulo: Editora Luminuras Ltda, 2003.

Sant'Anna. D. B. Vertigens do corpo e da clínica. In: FONSECA, T.M.G.; ENGELMAN, S. (org.) Corpo, Arte e Clínica. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

Sant'Anna. D. B. Corpo e História. In: Cadernos de subjetividade, São Paulo: PUC/EDUC, 1996